O que importa mesmo é a Cultura

MARCILIO FARIAS

Brasília é o postulado natural da urbi que possibilita a compreensão total e quase que plena de todo o processo de relações intrincadas e enredantes que se estabelece entre o homem e seus fatos culturais.

A mudança do diretor da Fundação Cultural (saiu o diplomata Ruy Pereira da Silva e entrou Carlos Fernando Matias de Souza, antigo diretor do Conselho Nacional de Direito Autoral) provoca uma série de reflexões que de forma alguma se relacionam com a mudança de nomes mas sim com todo um estado de circunstâncias que existiu sempre e que continua (poderá ou não continuar) existindo, menos por culpa de diretrizes do que por uma incompreensão crônica do lance cultural que as cidades desencadeiam.

1) Brasília possui uma disponibilidade natural para a utilização cultural dos espaços. Eles são amplos, espaçados mesmo, têm-se a concreção das longitudes, a palpabilidade da latitude. Em qualquer quadrante a cidade esprecha e se amplia. Isso, esse fato físico, provoca a primeira lição natural de estética: o sentido das proporções. A partir daí a cidade se ensea como natural-aberta/disponível a manifestações artísticas. Em todos os níveis, sob todos os aspectos.

2) A única utilização desses espaços é feita pelos movimentos semanais de arte (Galerias Cabeças e Galeria do Povo, acrescidas de mais outros movimentos semanais, como Grande Circular, Cruzeiro -Eixo, Caixa D'água...). Esses movimentos semanais conseguiram (talvez sem intentarem) demonstrar a viabilidade da ocupação cultural dos espaços.

3) O homem constrói o seu universo. Desde o ventre. Desde dentro. O espaço cultural é o espaço do seu ludismo. Quem vai à praça em Brasília? Até hoje, com feições lúdicas de simples fruição cultural de um espaço físico, apenas o Grupo Oficina e o Esquadrão da Vida, de Ary Pararraios.

Dessa forma, clarificou-se um pouco a possibilidade de utilização dos espaços. Por outro lado, uma galeria inteira, central (a Galeria dos Estados) perma-

nece entregue à bisbilhoteira de mascaretas oficiais (falsas representações com falsos artesanatos) quando poderia ter uma utilização cultural mais efetiva.

A discussão não se restringe unicamente a exemplos esparsos. Qualquer espaço se consolida na sua utilização.

A Fundação Cultural tem (e é a única do Brasil a tê-lo) toda uma infraestrutura - elaborada nos últimos seis anos - de casas de espetáculo e espaços culturais disponíveis. Possui o Teatro Nacional. Não os utiliza direito. E por que? A razão é simples: a cidade e o movimento cultural caminham juntos; não se pode repetir em Brasília o massacre cultural que colonizou o Eixo Rio-São Paulo e, conseqüentemente, por um mecanismo fatal de irradiação, por todo o país. O erro é importar-se a criação, em lugar dos mecanismos tecnológicos necessários a essa criação. O Eixo importou toda a sua criação, toda a sua utilização cultural dos espaços (isso desde a primeira caravela). O resultado é que toda a manifestação cultural vinda do Eixo é um mero sucedâneo daquilo que já foi repetido em Nova Iorque que por sua vez já foi macaqueado daquilo que ocorreu em Londres que já é, por sua vez, repetição do havido em Amsterdã...

O grande equívoco da Fundação Cultural (e isso desde que ela existe, e lá se vão mais de 20 anos) é deter-se em padrões estéticos já tabulizados pela falsa escolástica. A rigor esse é um erro de todas as fundações oficiais de arte, o que coloca de sopetão o problema da incompreensão total da relação entre Estado e Cultura, incompreensão que gera o fenômeno da "cultura oficiosa", que nada mais é do que o padrão diluído imposto como excelente.

Um exemplo. Sei, de fonte segura, que o único motivo pelo qual Milton Nascimento ou Beto Guedes (dois artistas que conseguiram, a exemplo de Fagner, desmantelar o protecionismo e a padronização cultural do Eixo) não vêm a Brasília é a impossibilidade de utilização do Teatro Nacional, único local possível (e também ideal) para uma temporada com artistas de grande público. No entanto, o Teatro está em Obras. Obras de acabamento, diga-se de passagem. Ora, o que importa é a sala e os assen-

tos; quem gosta de carpete é quem gosta de carpete. Por que, então, não abrir o teatro para eventos de grande vulto; mesmo sem os carpetes, mesmo sem os veludos importados? Isso não é uma questão de culpa. É uma questão de compreender os fundamentos da coisa.

Outro aspecto: as fundações culturais estão quase sempre pessimamente assessoradas. Não me refiro ao caso da FCDF especificamente, mas aos das fundações oficiais em geral. O problema é que se transforma a prática cultural (razão da existência das referidas fundações, para isso basta consultar o texto presidencial que as cria - que eu não lembro de cor) em prática, mais uma, burocrática. Entre os dois termos, Burocracia e Cultura, sequer existe concordância filológica, sequer proximidade semântica, muito menos afinidade em apetência. Mas o fato é um só: a medida em que os assessoramentos tornam-se mais e mais "oficiosos" memorandizáveis, arquiváveis, mais a cultura se asfixia no amontoado de papel.

É a coisa corre assim, solta, por esse Brasil a fora, há muitos e muitos anos.

Não há muito motivo para alarde em torno da mudança do diretor da FCDF. Não considero o fato coisa muito importante. Acredito mesmo que não houve nenhuma novidade ou surpresa - ao que se sabe, o antigo diretor, Ruy Pereira da Silva, já exercera as funções por mais de seis anos.

O dado que se coloca (posto que sempre se colocou) é o da maior e melhor utilização dos espaços culturais disponíveis por parte do Estado. A Fundação Cultural do DF é, em termos programáticos, um modelo sem igual no país. Uma estrutura inteiramente montada e presta a ser utilizada total e plenamente em todos os níveis do fato cultural.

É, a rigor, o único órgão oficial com potencialidades de produção criativa máximas.

Basta apenas reparar que a cultura é um fenômeno da natureza e, como tal, independente de padrões ou normas - ainda que requeridas por mecanismos (desgastados) legais. A máquina está perfeita. Falta-lhe apenas uma coisa: coragem para se libertar dos formalismos, dos colarinhos, das gravatas e do falso-gosto.